

Jennifer Hargreaves: um estudo sobre mulheres no esporte

HARGREAVES, Jennifer. *Sporting Females: critical issues in the history and sociology of women's sports*. London and New York: Routledge, 2003, 331p.

Por Berta Leni Costa Cardoso¹
Universidade Católica de Brasília

Jennifer Hargreaves é uma autora que tem se dedicado aos estudos feministas relacionando questões de gênero e esporte. Escreveu livros como: *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*, *Outsiders in the Nation: Sport and Women on the Margins* e *Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity* editados pela Routledge em Nova York e Londres.

A autora aborda questões da sociologia do esporte, como as relações das mulheres com o esporte, sejam enquanto atletas, treinadoras, técnicas e sua relação com os homens, tratando temas como a discriminação, estereótipo, gênero, lutas pela igualdade de direitos.

Em seu livro *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*, ela contextualiza seus estudos na vida cultural britânica, e em alguns momentos retrata a realidade norte-americana discutindo questões como teorias do esporte, problemas das diferenças sexuais, idéias populares sobre esportes, sobre gênero, Marxismo, importância do gênero nos esportes femininos, perspectivas feministas, igualdade de oportunidade, gênero e classe, legitimação do exercício feminino, feminilidade e

¹ Doutoranda em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Coordenadora do NUPEX (Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade Guanambi – Guanambi-BA). E-mail: bertacostacardoso@yahoo.com.br

masculinidade, gênero enquanto relações de poder, igualdade de oportunidades nos Estados Unidos, relações de gênero no lar (em casa), relações de poder e educação, gênero e mídia, entre outros.

Para a autora, o esporte foi muito negligenciado partindo da história cultural e sociológica, e só nos anos 70 e 80 que se tornou mais politizado, expandindo-se mais rápido e em um campo mais sofisticado da análise social.

A história e a sociologia dos esportes refletem o domínio masculino do discurso acadêmico. Durante muito tempo foi difícil transcender suposições tradicionais que as diferenças entre os sexos são biológicas tanto quanto culturais e que esportes feminino e masculino são naturalmente apropriados havendo a superioridade esportiva masculina.

Embora os sociólogos do esporte e do lazer critiquem o determinismo biológico, se esbarram ao mesmo tempo nas idéias sobre a diferença sexual nos trabalhos apropriados.

A autora relata que as políticas apresentadas pelo Conselho dos Esportes da Grã-Bretanha são baseadas na premissa de que os esportes são benéficos aos indivíduos e à sociedade, e que as mulheres devem aumentar suas taxas de participação no esporte em relação aos homens.

Discute que as adolescentes são socializadas para se comportarem de maneiras “femininas – apropriadas”, que embora haja uma grande preocupação em aumentar as taxas de participação feminina nos esportes, dando-lhes garantia de igualdade, culturalmente existem atividades definidas como apropriadas e inapropriadas para cada sexo/gênero.

Refletindo sobre uma visão machista, muito já se ouviu dizer ou ainda se ouviu sobre o que é permitido e/ou aconselhado à uma menina fazer ou deixar de fazer; muitos pais ainda se indignam ao ver suas filhas jogando futebol ou seus filhos dançando balé, questões essas que permeiam a sociedade machista dificultando questões como igualdade de acesso.

Segundo a autora, caiu o número de estudos de mulher e lazer e há poucos estudos etnográficos de esportes femininos na Grã-Bretanha. Sabe-se pouco porque as mulheres participam ou não nos esportes, como os constroem e mudam, que significados e valores os esportes lhes asseguram, qual significado que algumas mulheres anexam aos esportes não sendo aquele do sistema de central valor e que visões femininas podem ter sobre alternativas.

É importante não subestimar as maneiras em que padrões culturais e econômicos, políticos e ideológicos específicos à totalidade de relações sociais afetam a participação das mulheres nos esportes. Percebe-se que as taxas de participação feminina no esporte aumentaram mas ainda não se igualaram à adesão masculina, principalmente no que se refere aos esportes ditos pela sociedade machista como apropriadamente masculinos.

Ao discutir questões sociais e comportamentais dos homens no esporte, Hargreaves apresenta autores como Williams, Dunning e Murphy² cujos trabalhos estudam o comportamento dos torcedores “vândalos” do futebol americano. Os autores afirmam que esse comportamento de violência nos estádios se estende aos lares através de atitudes agressivas com suas esposas e companheiras. Esses “vândalos” fazem parte da “baixa” classe de trabalhadores e sua construção e expressão de um estilo masculino violento é um compromisso de vida para eles.

A autora acrescenta ainda mais três autores, Brohm³, Hoch⁴ e Vinnai⁵ que dedicaram seus estudos aos esportes como meio de desviar jovens rapazes dos problemas sexuais, acreditando que a celebração de imagens esportivas da masculinidade evoca imagens de

² WILLIAMS, J.; DUNNING, E.; MURPHY, P. *Hooligans Abroad: The Behaviour and Control of English Fans in Continental Europe*. 2nd ed. London: Routledge, 1989.

³ BROHM, J. M. *Sport: A Prison of Measured Time*. London: Ink Links, 1978.

⁴ HOCH, P. *Rip off the Big Game*. New York: Doubleday, 1972.

⁵ VINNAI, G. *Football Mania*. London: Ocean Books, 1973.

contraste da fêmea passiva e não atlética. Segundo os autores, os relacionamentos entre relações de gênero e esporte são estáticas e que não esclarecem as maneiras em que as imagens da sexualidade mudaram e continuam a mudar. O sexismo é apresentado como um produto direto dos esportes capitalistas e a autora acredita que haja uma falha nessa literatura ao explorar em detalhes as maneiras em que as relações de gênero estiveram ligadas às determinantes econômicas e de classe em maneiras diferentes e complexas, e como as inter-relações entre estas categorias variaram historicamente.

Hargreaves discute também a teoria de Bourdieu⁶ destacando sua observação quando explica que as classes trabalhadoras preferem os esportes que exigem força, resistência e propensão à violência e que as classes privilegiadas consideram o corpo como um fim em si mesmo em razão da aparência ou da saúde. Bourdieu faz generalizações sobre diferenças entre homens e mulheres, descreve esportes como “capital físico”, que é altamente avaliado por homens e meninos e pouco estimado pelas mulheres. Para ele, as classes trabalhadoras têm uma filosofia prática do corpo masculino como um tipo do poder, grande e forte, com necessidades enormes, imperativas e brutais que é afirmado em cada postura masculina. O autor vê o espaço social como espaço objetivo, o qual determina interações e experiências de povos e que os esportes femininos são determinados por sua classe, que as mulheres da classe dominante estão mais em casa e que elas estão tão insatisfeitas com seus corpos quanto as mulheres da classe trabalhadora e que sacrificam muito tempo e esforço para melhorar sua aparência. Destaca que a preocupação em não envelhecer e o interesse em formas ascéticas do exercício é a parte de um culto especificamente burguês da saúde. As

⁶ BOURDIEU, P. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.

classes sociais e as relações entre elas são apresentadas por ele como fato cultural que tem a prioridade sobre relações de poder entre homens e mulheres.

De acordo com Hargreaves, algumas das primeiras intervenções feministas na sociologia do esporte ocorreram na América do Norte durante os anos 70. Feministas da sociologia dos esportes centralizaram esforços das práticas das mulheres nos esportes para desmascarar discriminação e para igualar oportunidades com homens. Os esportes femininos vieram mais tarde pelos movimentos das mulheres que tenderam focar questões legais de importância política e ideológica e em questões culturais tais como esportes e lazer. Esportes femininos têm se expandido para além da América do Norte, notadamente para o oeste europeu, Austrália e Nova Zelândia, acrescenta Hargreaves; e que no Reino Unido tem crescido a preocupação com mulheres no lazer e com relações entre classes, patriarcado e cultura emanando para estudos femininos, estudos culturais e história social.

Já os anos 90 marcaram o período de desenvolvimento teórico sofisticado na sociologia feminina esportiva. O importante impacto da intervenção feminista para a sociologia do esporte tem sido descobrir maneiras em que forças masculinas sobre mulheres nos esportes tem sido institucionalizadas, tem fornecido um desafio prático e simbólico para privilégios masculinos que tem resultado em um reconhecimento geral de gênero como uma categoria básica de análise, e tem aumentado a consciência sobre complexidades e contradições das relações de gênero na teoria e prática esportiva.

A autora afirma que a dominante pressão nas questões feministas é o desejo por igualdade de oportunidade para mulheres em comparação com os homens. É um incentivo que está baseado na crença de que, embora a força masculina predomine, ela não é inviolável. A crescente preocupação para fornecer acesso às mulheres para atividades tradicionalmente masculinas é um aspecto central para ideologia democrática, a estrutura intelectual e política

da qual é descrita usualmente como feminismo – liberal. Segundo ela, feminismo liberal é definido como uma tentativa para remover ou compensar para as atribuições e impedimentos sociais que previnem mulheres da competição em termos iguais aos homens, sem de outra forma desafiar as estruturas hierárquicas dentro das quais ambos sexos operam. Questões feministas liberais desafiam historicamente desigualdades adquiridas em esporte entre homens e mulheres, mas não é o desafio do caráter convencional dos esportes modernos ou da natureza “essencial” do capitalismo moderno e patriarcal.

A ideologia liberal abraça a noção que, todo tempo da história da sociedade industrial, as mulheres tem aproximado mais da igualdade com os homens em todos os aspectos da vida e da cultura. Segundo Hargreaves, nos esportes, este supostamente processo progressivo iniciou durante o final do século XIX e início do século XX, continuou durante os períodos de guerra e pós-guerra, e então acelerou nos anos recentes. Para ela, liberalismo está baseado na crença que, implementando reformas legais e sociais, a sociedade mantém os princípios de democracia, que personificam a filosofia de igualdade entre os sexos. Afirma que, a igualdade de oportunidade em esportes é influenciada pelos efeitos gerais do governo legislativo e por estratégias mais específicas propostas pelo esporte. O liberalismo esportivo está associado aos papéis de organizações que seguram o poder no fornecimento de recursos esportivos.

Não há dúvida de que em países industriais avançados tais como Grã-Bretanha, há mais acessos a novos esportes por mulheres que antes. O feminismo liberal também rejeita explicações biológicas pela não – participação e abraça a crença que se às mulheres estão dando a oportunidade, elas podem participar efetivamente nos esportes que homens apreciam. Estas implicações são importantes porque a justificativa mais consistente por oposição para igualdade das mulheres com homens tem sido articulada em termos das supostas limitações

inerentes em biologia feminina. Segundo a autora, a suposição da intervenção da base liberal é que cultura e não natureza é a razão porque tão poucas mulheres têm sido envolvidas em esportes, qualquer barreira que ainda previne mulher da participação pode ser removida por razoável intervenção.

Mulheres de classes diferentes não vivenciam cultura patriarcal de maneira idêntica, elas têm diferentes oportunidades e expectativas sobre esportes. Segundo a autora, estatísticas generalizadas mascaram a grande discrepância entre as taxas de participação de mulheres “em geral” e a minúscula proporção de mulheres em posições de comando em relação ao homem.

As formas primárias de esportes organizados e educação física por mulheres foram estabilizadas no final do século XIX. Foram marcados pelo bitolado separatismo natural, desenvolvido em sua maioria em esferas privadas de escolas, colégios e clubes. A fim de sobreviver, esportes femininos organizados tendem acomodar suposições tradicionalmente biológicas, embora as desafiem abertamente. Algumas educadoras físicas especialistas na Europa se opuseram aos esportes masculinos porque acreditavam que eles concentravam demais em competição e eram super especializados e corrompidos pela comercialização comenta Hargreaves.

Feministas radicais não compartilham uma simples doutrina, mas elas compartilham uma oposição ao patriarcado que é a base de outras formas de opressão. Patriarcado é definido como um sistema de relações de força pela qual homens dominam mulheres. Feministas radicais alegam que a habilidade de homens em dominar mulheres é a mais básica forma de opressão porque está enraizado em diferenças físicas e psicológicas essenciais entre os sexos. Características normalmente atribuídas aos homens e associadas aos esportes, tais como força, competitividade, agressão e afirmação são rejeitadas, e

características popularmente classificadas como femininas, tais como cooperatividade, graça e ternura são celebradas.

Divisões sociais são recriadas, especificamente aquelas entre homens e mulheres, mas também entre diferentes grupos de mulheres e diferentes grupos de homens. A maior divisão está entre homens e mulheres heterossexuais, reproduzindo e confirmando divisões dominantes de gênero em sociedade, mas atitudes pejorativas para “perversão sexual” tem resultado em divisões mais distantes em esportes, por exemplo, algumas situações ressaltam preferências sexuais porque lésbicas e gays se unem em seus próprios clubes e organizações como uma reação a homofobia eles experienciam em esportes dominantes.

Em esportes, como em outras áreas da vida, existem numerosas associações diferentes masculino/feminino e existem situações onde sexo e sexualidade, tão bem quanto, por exemplo, idade, habilidade, etnia ou classes não são importantes. Em alguns esportes mulheres estão inequivocamente subordinadas em suas associações com homens; em outras situações mulheres conspiram em aparentemente papéis subordinados; em algumas esferas mulheres dividem poder com homens e têm maior autonomia que no passado; e em um número limitado de situações mulheres exercem poder sobre homens. Similarmente, atitudes masculinas por mulheres são numerosas e variadas; alguns homens são reacionários e sexistas em seus tratos com mulheres e resistem queixas femininas por igualdade; mas nem todos os homens oprimem mulheres e alguns procuram igualdade com mulheres enquanto outros mesmos procuram formas de subordinação.

Nos últimos anos o debate em literatura de esportes feministas tem tomado conta das articulações entre relações de gênero e relações capitalistas. Tem características em comum com o debate entre feministas radicais e feministas Marxistas. O foco está em se patriarcal ou capitalista é a primeira razão para opressão feminina. Enquanto feministas

radicais reclamam que dominação masculina e subordinação feminina são universais porque o sexismo tem sua raiz em fatos prévios da biologia humana e não em capitalismo, feministas Marxistas dizem que idéias sobre gênero e diferenças sexuais são socialmente construídas, que as causas e efeitos de opressão diferem em diferentes sociedades, e que o caráter e grau de opressão feminina têm mudado historicamente.

Opressão de classe e opressão sexual tem sido duas maiores formas de opressão na história humana e feministas socialistas querem abolir e estão preocupados com a teoria que não subordina uma a outra.